

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Arq. JÚLIO DE OLIVEIRA

Este povo de Fão sempre é muito ingénuo!... Foi escolher para o cargo de maior responsabilidade e prestígio da freguesia — Presidente da Assembleia — um indivíduo que trata esse mesmo povo com a maior desfaçatez e insolência. O seu desprezo pelas normas instituídas, a não convocação de qualquer assembleia das quatro que deveria reunir anualmente constituem um insulto, uma afronta e um prejuízo incalculável que uma freguesia com um tão nobre historial estava longe de merecer. E à sombra de uma tal indiferença que de fretes são permitidos, que

EDITORIAL

de irregularidades se cometem, quão impunes passam certos actos que a lei condena e castiga!

São os atropelos ao urbanismo local com obras embargadas que no entanto prosseguem na sua construção; são as árvores, os pinheiros que lenta mas implacavelmente estão a ser roubados de um pinhal que é — ainda é — uma das nossas maiores riquezas; é a autorização para o levantamento de edifícios em zonas que o bom senso e o rigor estético ou mesmo pragmático condenam; é a morte inexorável dum rio com despejos contínuos de poluentes letais e a caça desenfreada às suas espécies piscícolas; é a extracção improfícua (para a terra) das areias a propósito ou a coberto de uma tabuleta com a indicação da abertura do «tal canal», deteriorando uma paisagem repousante e virgiliana; são os vidros das paragens dos autocarros selvaticamente destruídos o que confrange e envergonha os autênticos fangueiros; são, enfim, os centos ou milhares de litros de líquido poluente e corrosivo bolsados sobre o pinhal com grave e irremediável prejuízo das reservas friáticas que o alimentam.

Mas, dirão, que tem a ver o Presidente da Assembleia da Fre-

(Continua na pág. 2)



Corria sangrento o ano de 1944 (estávamos em plena guerra) quando o estudante Júlio de Oliveira apareceu no Porto, vindo de Lisboa, a fim de tirar o curso de arquitectura. Jovem ambicioso e já com uma certa preparação não confinou a sua vida às aulas na Escola Superior de Belas Artes e pela mão do arquitecto Magalhães em breve foi levado para a Engenheiros Reunidos onde então pontificava o nosso conhecido Sousa Martins, plétórico de força, chama e engenho. *Habitué* e admirador da praia de Fão, S. M. começou a sonhar por essa altura Ofir e a dar-lhe corpo, conseguindo canalizar a atenção de alguns capitalistas do norte para a nossa terra, que vieram a constituir mais tarde a Sociedade Ofir e Fão, Lda. Júlio de Oliveira, integrado na equipa

técnica dos Engenheiros Reunidos, começou a visitar igualmente Fão, antevisionou o manancial turístico do meio, colaborou activamente com Sousa Martins, projectou casas, comprou terrenos e ergueu finalmente essa estância edénica a que deu o nome de Estalagem do Rio, num dos locais mais aprazíveis de Fão. Júlio de Oliveira criou uma obra que abriu postos de trabalho e atraiu divisas para a zona.

Mas — dirão os conterrâneos mais renitentes — foi só isso?

Já uma vez convidamos os fangueiros para se mirarem ao espelho das suas realizações. Numa visão retrospectiva os habitantes locais distinguiram-se sobretudo como pescadores e em seguida ou coetaneamente como embarcadiços, chegando alguns a atingir postos de mando. Depois deu-se o êxodo para os Brasis e foi o dinheiro de além-mar que almejou dar uma certa configuração cidadina ao burgo local, já que os residentes, falhos de iniciativa e de costas viradas para o mar, entraram numa certa inanição.

Foi preciso aparecer Sousa Martins e, atraídos por ele, outros homens dinâmicos e de iniciativa tais como o arquitecto Júlio de Oliveira, dr. José Soares, Artur Aires que verdadeiramente atrelaram Fão ao comboio do progresso, emprestaram-lhe novo *facies*; enfim, sintonizaram a terra com o real valor que ela potencialmente continha. E mais: nenhuma das pessoas que ergueram estabelecimentos hoteleiros aqui almejavam quaisquer lucros resultantes dos capitais investidos. Em boa verdade poderemos afirmar que os únicos beneficiários dos hotéis de Fão são os próprios fangueiros.

O destacar aqui e agora a obra discreta mas persistente de Júlio de Oliveira não será pagar-lhe em duodécimos a quota de gratidão que a terra realmente lhe deve?

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

guesia com este estado de coisas, ele que nem sequer é executivo?

A freguesia está desviada das suas responsabilidades, está inconsciente de uma hierarquização das suas necessidades, vive ao lado dos seus problemas; tem por isso que ser alertada, integrada na vivência global da terra e esta integração passa por reuniões periódicas do povo da freguesia onde os problemas deverão ser analisados, equacionados e discutidos. É esta discussão que provoca tomadas de consciência e num povo consciente e não dormente os erros são reduzidos, os atropelos à lei são desencorajados e a impunidade deixa de ser a característica mais importante.

A assembleia da Freguesia tem forças para desencorajar tantas irregularidades mas para isso é fundamental que o respectivo Presidente a convoque.

Porque não o faz? Porque não lhe é movido o indispensável inquérito e, na sua sequência, aplicada a respectiva sanção?

O SEU A SEU DONO

(Continuado do pág. 3)

Dedicado aos bravos dessa época (1967) que lançaram o grito de alarme e de protesto contra o que seria a divisão de Fão, sugerimos a reposição em cena, da revista original, incluindo o 2.º acto — Futibó.

Não temos dúvidas de que será novo êxito, para bem de Fão, uno e indivisível.

Nota: tabela de preços dos bilhetes: geral — 7\$50; superior — 15\$00; 2.ª plateia — 17,50; 1.ª plateia — 25\$00.

Os acompanhantes das meninas-actrizes, com direito a borla.

A. L. COSTA

N. R. — Este artigo responde ao repto lançado há meses aos leitores de «O Novo Fanguero» para que entrassem no concurso «Ofir também é Fão». O concorrente, nosso amigo Artur Costa, vai receber por isso o prémio de mil e quinhentos escudos.

RECORDAÇÕES POVEIRAS

(Continuado da pág. 6)

Reixas, dos Pragas, dos Pinheiras, e de tantos, tantos outros, agradecidos à Virgem pelas misericordiosas intervenções.

O curioso brasonário — sem dúvida o das armas mais nobres e mais merecidas — prossegue na porta da sacristia, um pouco adiante daqui, onde os romeiros podem ver a quantos desesperados a Senhora da Bonanças socorreu.

Continuando a rodear a ermida encontramos a abside, circular, e a meio desta um nincho com uma imagem da padroeira, em pedra policromada, «que merecia melhor atenção e mais resguardo (3)». A escultura, pequena, virava-se para o mar, donde o cantar-se:

A Senhora da Bonança
'Stá viradinha p'ra o mar,
'Abençoar os barquinhos
Que nele vão a passar.

Outrora todas as noites se acendia junto do nicho uma lamparina, para guia dos pescadores, e na intenção, segundo dizem, de alumiar a sepultura de um poveiro que morreu com fama de santo (4). Eis outro vestígio da nossa gente na humilde capelinha.

Entremos agora para dentro dela. É bem simples, pobre, inestética, a arquitectura da sua nave.

Olhando porém para as caiadas paredes, de novo surgem na memória as figuras austeras e orantes dos poveiros, tantos são os ex-votos que cá deixaram ficar, de cera uns, de madeira outros, aqueles representando órgãos humanos e partes do corpo, os segundos com formas de lindos barquitos, esculpidos por habilidosas mãos.

Saindo do oratório observamos ao lado esquerdo uma arruinada construção — antigo facho mandado edificar por D. João III, que mais tarde serviu de cadeia.

As paredes devem datar ainda do século XVI, pois nalgumas encontrei siglas dos canteiros quinhentistas; a porta, estreita, de arco redondo, está coroada por um brasão nacional, ali posto na era de setecentos. Dos muros — furados aqui e acolá por pequenas janelas de prisão — só se encontram

completamente de pé a frontaria e parte da parede sul, na qual aparece, a pouca altura do solo, uma espécie de grande nicho quadrangular. Já lhe ouvimos chamar *banco dos poveiros*, por estes o utilizarem como tal quando comem os seus farnéis de viagem, no dia da romaria.

Pouco depois regressam à Póvoa, em grupos alegres, onde os novos entoam louvores à amiga e protectora Virgem, cantando bonitas quadras.

Eis algumas:

A Senhora da Bonança
Tem uns sapatinhos brancos,
Para passear na praia
Domingos e dias santos.

A Senhora da Bonança
Anda no seu pinheiral,
'Apanhar as pinhas mansas
Para a noite de natal.

A Senhora da Bonança
Tem um filho Manuel,
Quando vai para a lição
Não tem tinta nem papel.

ANOTAÇÕES:

- (1) A. Santos Graça — *O Poveiro*.
- (2) Não é a porta primitiva. Essa, igualmente cheia de siglas, guarda-se hoje no Museu Municipal.
- (3) Paulo Freire, nas suas *Várias Notas*, secção d'*O Jornal de Notícias*. Outubro de 1946.
- (4) Teotónio da Fonseca — *Esposende e o seu concelho*.
- (a) Extraído de «*O Comércio da Póvoa de Varzim*».

As Lampreias

Têm saído pouco este ano. E cada vez será pior. Pensam que este espécimen deveria ser melhor protegido por quem de direito. Há mais do que uma rede sobre o rio. E estas, dentro da respectiva margem, vão de terra a terra. Não se concede um mínimo de folga por onde algumas possam fugir.

Por sua vez, o rio junto à foz, está coalhado de pescadores, uns de pé, outros de barco, que as esperam de físga em riste.

Não há protecção, não há fiscalização, ninguém manda em ninguém, o que se lamenta neste País e também neste concelho falta de coragem de mandar.

O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Entre o pinhal e o mar, frente ao estuário do Cávado, em Ofir. Aproveite para conhecer o Minho, a beleza das suas paisagens, os costumes ancestrais e hospitaleiros do seu povo, desfrutando do ambiente calmo e confortável do Hotel do Pinhal.

Local ideal para os que, em viagem, desejam uma noite repousada.

Preços especiais Outono/Inverno

Por dia e por pessoa, em alojamento e pequeno almoço, 1.250\$00
Fins de semana de Outono, por pessoa, 2.950\$00
inclui:
sábado — jantar dançante c/conjunto na boite e alojamento
domingo — pequeno almoço e almoço buffet no grill panorâmico
Crianças até 12 anos — 50% desconto
Salões equipados para Congressos até 500 pessoas, sem aumento de preço

Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

Há uns anos atrás, estando em terras longínquas, do outro lado do globo, andava encantada com o fascínio da fauna, da flora, dos costumes e das religiões, encantada com um mundo bem diferente do meu.

Porque recordo, os tempos passados, se já diz o velho ditado «águas passadas não movem moinhos»? A razão está no 1.º de Novembro; em Portugal e noutros países cristãos, saúda-se e relembra-se os que não voltamos a ver.

Os cemitérios, contra o quotidiano, enchem-se de gente viva, faladora e pasarosa, iluminam-se de luzes — velas, velinhas, tijelas de cera, alegam-se de crisântemos, lírios, cravos, fetos, cedros e espargos, os passeios varridos, as ardósias lavadas, os crucifixos polidos. Por outro lado, o trânsito aglomera-se junto destes locais, onde usualmente reina um silêncio marmóreo.

E foi toda esta visitação à morte, à nossa última moradia, que me fez recordar tempos lidos, onde a pragmática da «velha senhora de negro» que fatalmente cerca a nossa vida corpórea, por vezes me seduziu e deslumbrou e outras vezes me deixou boquiaberta:

As primeiras imagens que me seduziram, passaram-se no interior duma ilha: nativos, de tronco nú e lipas em volta das ancas até aos joelhos, pés descalços e calosos, sustinham nas mãos soerguidas um grande tronco de árvore, cilíndrico, côncavo, cortado em dois, para receber o morto — um caixão improvisado, sem arrebiques, sem acolchoamentos de espécie alguma — um tronco enrugado, castanho, duma árvore desconhecida.

Uma outra imagem, entre tantas outras que ainda hoje registro, e que me surpreendeu bastante, pois meu acto primeiro foi repudiar tal visão, parecendo-me então uma blasfémia ou um acto de sadismo, é hoje respeitada e considero até um costume dum povo, curioso e compreensível: Um dia, visitando um régulo pequeno e convidada a tomar uma chávena de bom café, na residência do chefe de aldeia, fiquei especada a olhar o retrato, que pendurado toscamente numa parede fronteira, sem molduras, «me olhava». Era um retrato a preto e branco: no centro da fotografia, um caixão aberto, onde repousava de olhos bem abertos, um corpo hirta, de falecido. Rodeava-o a mulher e os filhos todos de pé e em pose — era talvez o último adeus, a última memória que a família religiosamente guardava.

A custo consegui perguntar quem era aquele ali, funebremente deitado.

Orgulhoso, o chefe da casa e da aldeia, honrado pelo meu interesse respondeu: Meu pai, o antigo Régulo.

MARIA ARLETTE S. F.

O SEU A SEU DONO OFIR TAMBÉM É FÃO

No domingo, 2 de Julho de 1967, no Salão Paroquial de Fão, foi posta em cena, em estreia, a revista de fantasia e costumes locais, «Ofir também é Fão».

Já lá vão dezassete anos e, pelos sucessivos espectáculos realizados, sempre de lotação esgotada, podemos afirmar que foi um estrondoso êxito.

Esta revista teve vários objectivos, entre eles, garantir receitas para obras de conservação do Salão paroquial, bastante degradado e, o mais relevante, o seu a seu dono, Ofir também é Fão.

Nessa época, não muito distante, a promoção turística da mais internacional de todas as praias a norte do rio Douro, pomposamente, assentava no lendário nome de Ofir.

DA HISTÓRIA

De facto, segundo a versão que tantas vezes ouvimos, os rochedos mundialmente conhecidos nas cartas marítimas, Cavalos de Fão — para onde Armando Saraiva, muito recentemente, pediu o porto de mar que serviria o distrito de Braga — simbolizam, ainda hoje, os cavalos que o rei Salomão ofereceu ao rei Ofir que, segundo a investigação do padre Chaves, situava-se na cidade de Águas Celenas, isto é, Fanum, hoje Fão.

Embora a tese do padre Chaves tenha sido contestada por outros investigadores, entre eles, o saudoso Dr. José Novais e, mais tarde, o coronel Zeferrino Sequeira, permaneceu a versão que mais interessava, a primeira, para fins comerciais e de promoção turística. Isto, em verdade, convinha assegurar para garantir o resultado de vultuosos investimentos.

Daqui nasceu a ideia de que Ofir terá sido o reino destinatário dos fogos cavalos de pura raça, oferta de Salomão para as terras ofirinas, onde se extraía ouro com abundância de minas que, alguns, situam entre Fão e Barqueiros, mais precisamente, Lagoa Negra.

Estava lançada a boa semente que transformaria a orla marítima fangureira no mais apetecido pedaço da costa portuguesa para veraneio de todo o mundo.

Dividendos desta engenhosa promoção?!

Só os operadores turísticos e empresários das actividades afins poderão esclarecer. Contudo, o movimento dos complexos hoteleiros da zona, proporcionavam a entrada de cerca de mil contos/ano nos cofres do Turismo.

O GRITO DE ALARME

O incremento desta famosa estância balnear levou a relevantes transformações paisagísticas, de urbanismo e de infra-estruturas que valorizou, extraor-

dinariamente, zona tão esquecida de Fão. Porém, foi a Sociedade Ofir e Fão L.da, a primeira organização a explorar esta área fangureira. No entanto, a subtilidade da organização, não dissociou ou dividiu a freguesia, não sucedendo o mesmo com a SOFIR, Sociedade Turística de Ofir L.da que teve a ideia de autonomizar «a galinha dos ovos de ouro».

Todavia, lugares há que desapareciam do uso da nossa gente: Barcas, Facho, Bonança. Fão estava a ser usurpada do seu melhor pedaço, do sumo da sua existência, do cartaz vivo da sua autonomia.

Nasceu então a ideia, através dum grupo de fangueiros, que lançando a mão ao tradicional costume e vocação revisteiro para dedicar à integração de Ofir no seu verdadeiro lugar, no seu todo administrativo a que sempre pertenceu.

«OFIR TAMBÉM É FÃO»

A revista foi posta em cena com bastante entusiasmo e o sacrifício de alguns, colaboração de muitos e o contra-gosto de uns tantos.

Os quadros, dispostos cronologicamente, com abertura dedicada a Ofir e apoteóse final de todo o elenco a cantar bem alto, com brio e muita alma, Ofir também é Fão. Porque, de facto, nada nos diz nem afirma o contrário; ainda não se conseguiu apartar tão decantada zona balnear, (outrora criada por requintado grupo de banhistas e que, em 1935, levou à cena festa cultural em favor dos pobres de Fão), e que pertenceu a burgo milenário, de nobres e cavaleiros. Hoje, de todos, sem distinção.

Eis pois, em traços largos, as andanças desta luta para não se privar Fão desta internacionalíssima praia já que, refira-se, esteve por um fio a autonomia de Ofir quando, pretensiosamente, se requeria uma povoação independente, com pároco e autarquia. Porém, o movimento de 25 de Abril de 1974, veio quebrar este pretensiosismo.

(Continua na pág. 2)

ZÉ MAIA

Ó Zé, então o que é isso? Não querem saber que o nosso Zé, depois de uma operação que decorreu com êxito se refugiou no Hospital, onde teima em permanecer, sem apetite, sem alento, sem chama?!

E então as revistas? E as marchas? Não, Zé, o teu lugar não é aí, tens que arribar, tens que dar vida a Fão, não podes deixar morrer o espectáculo na nossa terra.

Estes são os votos muito sinceros dos teus muitos amigos. E de «O Novo Fangueiro» também.

«QUERE-SE SENTAR?...»

O que aqui se pretende relatar só pode ser devidamente apreciado pelas pessoas com mais de cinquenta anos, ou seja, por aqueles que possuem já um certo uso da vida.

Não falamos propriamente de envelhecimento pois não se sabe — nem interessa trazer aqui à colação — se o respectivo processo se inicia exactamente aos cinquenta, antes ou depois. Convenhamos que é a partir sensivelmente desta data que começamos a sentir ou a merecer um estatuto diferente. Ora o aparecimento desse estatuto, concretamente de uma certa deferência à qual a princípio até achamos graça (pois julgamos tratar-se de um equívoco ou de um exagero), é que começa a provocar em nós uma certa consciência de mudança, consequência de tempo já vivido.

E então, frente a um nosso anterior retrato, lá vamos concordando relutantemente que há uma certa diferença entre o ontem e o hoje; embora para íntimo consolo nos pareça que essa diferença seja sobretudo visível nas fotografias da infância, pois que as da juventude, as dos 30, ainda se não distanciaram por aí além.

Por falarmos em retratos, são por vezes esses rectangulinhos mágicos onde nós em crianças nos habituámos a ver pessoas severas, barbadas, que agora nos consciencializam da passagem do tempo. Ao olharmos esses rostos austeros, normalmente de benfeitores de uma qualquer associação nos anos 20 ou 30, com indumentária a precelto, possivelmente de pêra, chapéu e bengala, atribuímos-lhes logo uma certa anclaniedade, de que nos sentimos confortavelmente separados. Ao longo do tempo, uma, duas vezes, dez, vinte, topamos com esses retratos e sempre a distância em anos é o contraste imediato que

mais se nos impõe; não porque tivessem vivido há muito tempo mas porque aquelas fotografias são a expressão por si mesmo de pessoas de uma certa idade. Até que lá surge um dia em que reflectimos melhor naqueles rostos, cotejamos também o nosso perfil na memória de um espelho ou de um retrato, e, finalmente, terrivelmente concluímos: «querem ver que o indivíduo, o tal do retrato em moldura, já está mais novo que nós? Por outras palavras: não é que nós já estamos mais velhos que ele?».

Há como que uma estremeção, a tal tomada de consciência contra a qual procuramos lutar com todos os meios ao nosso dispôr: ajeitamos melhor a gravata, disfarçamos com os nós dos dedos os «Pés de Galinha», tapamos convenientemente qualquer lapso de couro piloso e, sobretudo, procuramos respirar fundo e forte, peito inchado e pronto a desafiar procelas. Digamos que o cotejo fica e será favorecido pela convicção subjectiva, mas objectivamente indemonstrada, de que os anos não passaram em nós.

O pior são outras convergências de factores que vêm pôr em ordem a nossa presunção etária e nesse aspecto todos temos um caso para contar.

Um amigo nosso, companheiro de escola, muito seguro da sua eterna juventude, queixou-se-nos um dia, profundamente surpreendido, mas não convencido, de que um rapazola com quem tivera um acidente de viação, se lhe tinha dirigido nestes termos: «Vá-se embora, homem, que eu não quero desrespeitar os seus cabelos brancos!». Claro que o nosso amigo estava sobretudo abalado pela evidente demonstração da sua idade e não pela ameaça contida nas palavras do rapaz.

Também nós, por mal dos nossos pecados, tropeçamos há dias com essa con-

vergência: seguíamos num autocarro da cidade do Porto, completamente à cunha. A certa altura vagou um lugar e uma jovem, dezoito anos em flor, adiantou-se a ocupá-lo. No entanto, confortavelmente instalada, acabou por dar connosco, remirou-nos da cabeça aos pés, deu conta do evidente contraste etário e, então, solícita, perguntou: «QUERE-SE SENTAR?...»

Ainda o Hotel Ofir

Com certa raiva e persistência maquiavélica, a Administração da Sopete, continua apostada em mandar para a rua quatro dezenas de empregados.

Estamos convencidos que a Secretaria de Estado do Emprego não vai aceder aos seus desejos, apesar de a Sopete ter contratado os serviços do causídico do Porto, dr. António Vilar, antigo presidente concelhio do P.S.D.

Entretanto apareceram riscadas algumas paredes do Hotel Ofir com frases alusivas. Em nosso entender tratava-se de um grave erro. O Hotel Ofir devia estar a coberto de toda esta situação; caso contrário, adquire mau nome e para o recuperar serão precisos muitos anos. Com estas formas de lutas os trabalhadores do Hotel Ofir estão a fazer aquilo que a administração mais pretende.

Talvez pela posição que temos tomado nesta pendência, a Sopete, a que preside o sr. dr. Arriscado, devolveu-nos o jornal!

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Esta edição não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do esplendor da linguagem e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa - 8.ª edição - é a obra mais importante do nosso país e a mais completa e atualizada. É o melhor exemplo de uma obra de referência e de consulta.

PORTO EDITORA LDA
Livraria Armazéns LDA
GRUP L. FUMINENSE LDA

Relembrando António Carlos

Por louvável iniciativa da Casa de Cultura de Esposende, foi aberta ao público no dia 9 do corrente, na Biblioteca Municipal, uma exposição das obras de pintura e de escultura de António Carlos Esteves, que se vai prolongar até ao dia 17 de Março.

Como todos nos recordamos, António Carlos morreu em 1968, ainda em plena actividade artística. As obras agora expostas remontam quase todas ao último período da sua vida (década de 60).

Os trabalhos em escultura são as matrizes dos bronzes que existem no concelho, de entre as quais destacamos o de Correia de Oliveira, Marcelino Queirós, Manuel de Boaventura, etc.

No que à figura de Correia de Oliveira diz respeito, vimos lá dois trabalhos: um reproduz o actual busto de Largo da Misericórdia; o outro é por assim dizer um aperfeiçoamento de primeiro, onde a personalidade do poeta aparece mais desenvolvida, com mais energia intelectual.

Entendemos que a Câmara de Esposende deveria proceder à substituição do actual busto por este a que nos estamos a referir. Seria assim prestada uma dupla homenagem: a Correia de Oliveira que perderia um certo hieratismo budista em favor de uma maior expressão de força e de frescura; a António Carlos que na segunda tentativa «viu» me-

lhor a essência poética de Correia de Oliveira. O consenso das respectivas famílias não se nos afigura difícil e sobretudo evitar-se-ia que se perdesse no silêncio dos sótãos uma obra escultórica plena de força e de intenção.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NUMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília Paixão Amorim
Maria Arlete S. F.
Dr. José Augusto Madureira

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Os quadros a aguarela e óleo revelam uma força, sensibilidade e expressão que verdadeiramente singularizam um grande artista que só não foi maior porque viveu refugiado na província.

Feliz iniciativa da Casa de Cultura de Esposende.

A solidão do poeta

Uma flor vou conceber,
P'ra com ela preencher
Essa tua solidão ...
Mas uma em forma de esperança
E dar-lhe em vez de fragância,
A voz do meu coração!...

Não como a tulipa preta
Nem a roxa violeta,
Mas uma feita de luz ...
P'ra iluminar-te oh! poeta
Na longa estrada deserta,
Onde a solidão te conduz.

Mas que cor hei-de inventar
Para dar à minha flor?
O tom triste dos teus alhos,
Ou das noites estreladas?
Não quero cor já usadas ...
Vou dar-lhe a cor dos meus sonhos ...

Lisboa, Janeiro de 1985

CECILIA DE AMORIM

RIOTUR - Sociedade de Turismo do Parque do Rio, S. A. R. L.

Pinhal de Ofir - Vila de Fão - Esposende

Capital Esc. 2.000.000\$00

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
Convocatória

Nos termos do Lei e dos Estatutos, convoco, os Senhores accionistas da RIOTUR - Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SARL, a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede social, no próximo dia 25 de Março de 1985, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciar, discutir, modificar e eventualmente aprovar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1984.
- 2 — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Pinhal de Ofir, 22 de Fevereiro de 1985

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
a) Júlio José Cardoso e Silva de Oliveira

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO AO SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO



por ZINHA

Morreu a Nela!
Morreu a Nela!
A Nela morreu.

Ainda hoje esta palavra, este verbo inserido nesta frase, soa tão mal, dá vontade de o substituir, de «dar uma volta» a este conteúdo, mas... infelizmente, é impossível.

A Nela, realmente, morreu. Nós vimos-la morta, nós fomos ao seu funeral, sabemos que ela está naquele jazigo, mas... a Escola continua a falar-nos dela — é a sala da Nela, são os alunos da Nela, é o lugar da Nela, «foi a Nela que disse», «foi a Nela que lembrou», etc., etc.

É que esta companheira de trabalho, enchia a nossa Escola!

A nossa Escola, ficou pobre, pois perdeu um elemento insubstituível! É verdade, insubstituível!

A Nela via tudo, ela sabia tudo, ela pensava em tudo, ela queria tudo para a nossa Escola!

Recordo aqueles dias de Setembro em que nos debruçávamos sobre a programação anual. Tínhamos de ir pensando e registando as actividades que faríamos ao longo do ano. Ela, perante o silêncio que por vezes se formava, encarando-nos, dizia:

—Vá, então como é? Vamos ficar só por aqui? Tende paciência, consultai o que fizemos o ano passado, olhai que isto está pobre...

E nós, por vezes barafustávamos (não com ela, claro, até porque nos compreendia), mas é que já tínhamos tanto trabalho, ninguém nos pagava horas extraordinárias e, se calhar, nem davam apreço ao nosso esforço.

—E então, não fazemos com as crianças uma viagem de estudo? Sabeis muito bem que para alguns, isto representa também o seu passeio anual, já não nos acompanham depois, na excursão.

—Vá, e que vamos fazer para arranjar dinheiro? Não vale a pena pedir, ninguém no-lo dá. O ano passado saiu o autocolante e com esse dinheiro, lá fomos. E agora, que vamos fazer? Temos que resolver. Hoje tem que ficar decidido!

—E o jornal? O nosso Rouxinol, não sai? Tem de sair!

E mais isto, e mais aquilo, tudo para dignificar a nossa Escola. E nós, levados por ela, contagiadas pelo seu entusiasmo, lá íamos sugerindo ideias, levantando hipóteses e... concordando que a Nela tinha razão. Dotada duma vontade forte, ela «sabia-nos conduzir» e nós não lhe sabíamos dizer que não — era um verdadeiro Chefe! Mas um chefe a quem respeitávamos e a quem muito queríamos!

Nas horas de trabalho, era para trabalhar! Metódica, organizada, escrita impecável, tudo com ela estava sempre previsto!

E «as finanças» da Escola? Não sei que malabarismos fazia, mas havia sempre saldo... Um restinho dali, mais um restinho dacolá, mais outro pouco que ficou, mais da venda dos jornais, mais de outras coisas de que já nem nos lembrávamos, e eis que a Nela, radiante, apresentava uns centos multiplicados!

Quantas vezes, dizíamos que lhe havíamos de entregar a administração das nossas casas!

Ó Nela, e as nossas brincadeiras? Ficarão para sempre, para sempre!...

Como ela ria com vontade! Coma toda ela vibrava! As nossas festas, os nossos aniversários, as nossas piadas, as nossas conversas e até algumas anedotas! Ela era a mais entusiasmada e parece-me estar a vê-la tirar o lenço da manga para limpar as lágrimas de tanto rir! Que pagode a gente fazia, que família nós éramos (é que a Nela tinha o condão de provocar união também e nela tínhamos uma Amiga)!

Sempre, pronta para as festas, para as excursões, que alegria ela punha em tudo!

Recordo uma excursão que fizemos e em que na passagem por Penafiel, ela foi a primeira a saltar para o carrocel dos pequeninos! E como ria, montada num triciclo, perante os olhares surpresos das crianças da Escola!

Tantas e tantas coisas que vivemos e que jamais esqueceremos!

A Nela continuará no meio de nós e só pensando nela encontraremos o estímulo para continuar a lutar pelo sucesso da nossa Escola, pois ela, ao saber, ficará mais feliz.

Até sempre, Nela!

Recordações poveiras

na capela de N. S.^a da Bonança, em Fão

por FLÁVIO GONÇALVES

«Se queres aprender a rezar, entra no mar», diz um provérbio conhecido, que de certo modo explica a grande Fé de todos os marítimos e navegantes.

O pescador poveiro, como «homem do mar», é também «um crente sincero», sendo «fertilíssimo em promessas aos santos. A mais pequena aflicção no mar ou doença faz uma promessa (!)», em geral aos padroeiros dos santuários afastados, embora tenha vários, de muita veneração, nas proximidades da vila. Destes devemos mencionar a Senhora da Guia, de Vila do Conde, e a Senhora da Bonança, de Fão, bastante invocadas, não só por possuírem a fama de milagrosas, mas especialmente por serem particulares protectoras dos marinhos.

Os vestígios deixados pelos nossos pescadores na ermida da última Virgem citada levaram-nos a escrever o presente artigo, com o qual pretendemos confirmar a já conhecida pretensão do poveiro, de sempre querer deixar indícios da sua passagem nos lugares que

visita, coisa que realmente consegue, quer servindo-se das seculares siglas, quer pondo o seu nome ligado a topónimos e a designações de objectos, quer inserindo nos cancioneiros quadras da sua característica imaginação.

A Capela da Senhora da Bonança, em Fão, contruída junto ao mar pelos fins do séc. XVIII, está alcandorada no alto duma grande duna, envolvida por belos pinheirais, barbaramente mutilados ainda há bem poucos anos.

Logo à entrada do templo se patenteiam numerosas recordações de marítimos poveiros, na porta (?), inteiramente gravada com as suas conhecidas marcas — por vezes artisticamente feitas —, entre as quais abundam os fáticos signos de *São Selimão*, os cálices, os piques, as grades, os padrões, as calhordas, etc., testemunhos da vinda à capela dos *Trunfos*, dos *Agulhas*, dos

(Continua na pág. 12)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO

POSTAIS DA NOSSA TERRA

III — TOPONÍMIA DA VILA DE FÃO

Já há algum tempo andava a pensar tecer algumas considerações quanto à toponímia da nossa Vila, especialmente, depois de ter lido o EDITAL da Câmara Municipal de Esposende, a regulamentar o trânsito nas respectivas artérias, dado que, dele, constam algumas, cujos nomes desconhecia e não sei localizar, como seja a Rua Lopes Cardoso, uma vez que não há placas toponímicas a identificá-las; e, como eu, muitos outros haverá nas mesmas condições!

Outras há que, embora ostentando as suas placas identificadoras, se desconhece, quando de pessoas se trata, quem estas foram e o que fizeram pela nossa Terra, para que essa homenagem merecessem! Haverá, porventura, muita gente que saiba quem foram o «Visconde de S. Januário», o «Dr. Manuel Pais», bem como outros que, tendo o seu nome nas artérias de Fão, porque,

naturalmente, algo fizeram para isso, saiba igualmente em que isso constou? Também, por vezes, acontece o contrário; temos conhecimento de alguém que algo de mérito fez pela Terra, sem que o seu nome conste da toponímia da Vila, naturalmente, porque nunca esse Benemérito foi homenageado, como merecia, com o seu nome numa das artérias da Vila.

Ainda, há poucos dias, li a cópia de uma escritura pública, lavrada nas notas do então tabelião de Esposende — documento que iria ser entregue ao senhor Director deste Jornal, para publicação nas suas colunas, o que espero seja breve, pelo interesse que possa merecer para a história da Terra —, em que D. ANNA JARDINÉ MARIZ, residente que foi na casa, hoje pertencente à família Vinha, doava, a título gracioso, à Paróquia de Fão, em fins

do século passado, a água de uma nascente, num seu campo à Arroiteia, para que fosse canalizada e ligada a fontenários, para que a população a pudesse utilizar nas melhores condições higiénicas, sem necessidade de ter que recorrer, como naturalmente o faria, às águas do Cávado que, embora ainda não poluídas como estão, seriam um tanto ou quanto salobras, dada a influência das marés, o que obrigava a ter que ir a Gandra, buscar a água para beber, o que, infelizmente, novamente está a acontecer, em face da péssima água que a Câmara Municipal nos está a fornecer, embora a bom preço.

Pelo benefício, então, prestada à população de Fão, julgo que seria de toda a justiça que D. ANNA JARDINÉ MARIZ fosse homenageada com o seu nome numa das artérias da Vila. Aqui fica a lembrança, para que quem de direito(julgando-a merecida, a concretize, quanto antes, a não ser que, sendo este um acto da competência da Assembleia de Freguesia, o não possa ser, em virtude da mesma não existir, segundo parece!

QUIM MUATA

O MUNDO
EM QUE
VIVEMOSFoguetes
e lágrimas

Sucedeu em Cantanhede, há poucos dias. O silêncio dormente da tarde foi cortado abruptamente por um estrondo de mau presságio. Arrasadora, uma explosão acontecera, numa oficina de pirotecnia.

Seis pessoas que ali trabalhavam, preparando foguetes — símbolos de júbilo e de festa — ali deixaram a própria vida, envolta em destroços de luto e dor.

A oficina, ao ruir, foi sepultura de seis corpos, pouco antes animados de vida, plenos de actividade.

Por amarga ironia, na única parede que ficou de pé, lê-se ainda o aviso, tragicamente inútil: — «PERIGO DE EXPLOSAO»...

É por isso que todos os foguetes são de lágrimas. Porque em cada foguete que estraleja e sobe ao ar, há um pouco das lágrimas de todos aqueles que, perderam pessoas queridas, algures, ao longo do tempo, em acidentes de oficinas de pirotecnia...

E. REAL

O novo fangueiro sabia que...?

Atraída pela elevada reputação do rei de Israel, a soberana de um país situado a sudoeste da Arábia, reino de Sabá, vem prestar homenagem ao grande Salomão. No entanto, um pouco desconfiada, resolve primeiro experimentá-lo, propondo-lhe enigmas. Trabalho perdido: Salomão adivinhou-os a todos! A rainha é dominada pela admiração. Presta-lhe homenagem e oferece-lhe esplêndidos presentes, trazidos em camelos, através de 1500 quilómetros de deserto.

O rei presta-lhe a devida cortesia e, por sua vez, dá-lhe sumptuosos presentes.

«Depois — diz a Bíblia — ela retoma, com a sua comitiva, o caminho do regresso.»

A lenda pretende que eles se amaram. Terá ela sido a misteriosa Sulamita, que foi um dos ornamentos do harém de David e de que fala o Cântico dos Cânticos? Talvez...

A troca de presentes entre a rainha do Sabá e o rei Salomão, serve, porém, para confirmar a realidade de importantes trocas comerciais entre a Judéia e a Arábia, no que respalda não só aos produtos deste país, mas também às matérias provenientes de mais longe e cujo transporte até à costa mediterrânea era assegurado pelas caravanas de camelos dos Beduínos.

Esse grande soberano que foi Salomão tinha navios que iam, de conserva com os dos Fenícios, pela costa ocidental da África, até ao antigo reino de Benin, talvez mesmo até Ofir, como se diz no primeiro Livro dos Reis.

«Foram até Ofir — explica-nos o primeiro Livro dos Reis — e trouxeram de lá 420 talentos de ouro», assim como madeira de sândalo.

Allás, é-nos revelado que, «de três em três anos, a frota de Tarsis regressava com ouro, prata, marfim, macacos e pavões». Estas riquezas seriam também provenientes do país de Ofir? Mas, onde se situava esse país fabuloso?

O fabuloso Ofir da lenda...

Tem-se considerado a hipótese de a palavra «pavões» constituir um erro de tradução e de se dever entender, em seu lugar, «escravos».

Então, tudo se modifica: é preciso procurar na África, junto do Bénin, que sempre foi designado a «Costa dos Escravos». A menos que se tenham as investigações para o lado de Moçambique e do Zambéze.

Aí, encontram-se linhas grandiosas, que podiam ser as de Ofir.

Nenhum ângulo recto: apenas linhas curvas, arredondadas. Eis a característica desse estranho e misterioso local arqueológico da Rodésia, a que se chama Zimbabue.

Esta palavra vem de um termo da língua chona, velha e poderosa civilização do Sul da África, que se desmoronou há cerca de um século.

Zimbabue é a transcrição inglesa de Dzimbabué, que, em chona, significa «casas de pedra».

Um Dzimbabué é um local de culto, onde se reúnem os chefes das tribos, a fim de entrarem em contacto com os espíritos antepassados e obterem a sua intercessão, o seu auxílio.

Não muito longe da cidade de Bulavao, muito perto de Fonte Vitória, e a 400 quilómetros da costa de Moçambique, eleva-se, numa região de colinas arborizadas, mas quase desabitada, esse conjunto de ruínas imponentes, acerca das quais se ignora tudo.

As torres cónicas que ali se encontram lembraram aos arqueólogos as pedras sagradas da Síria e da Fenícia, a que se chama bétiles e de que se encontram outras amostras na África e na Arábia.

Os habitantes de Zimbabue eram fundidores de metais e, principalmente, de ouro, o que, por vezes, tem feito identificar a sua metrópole com Ofir, onde o rei Salomão ia buscar as suas riquezas.

(Continua na pág. 8)

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

As nossas saudações a esse simpático colesterol! Que tal se vai ele dando com as nossas receitas? Ainda trepa, o atrevido? Vamos então ver se o contentamos com mais dois pratos simples e saborosos, como se Impõe:

PUDIM DE PEIXE

Peixe (pescada, badejo, etc.) — 500 gr.
Farinha — 3 colheres de sopa.
Gemas de ovo — 4.
Leite — q.b.
Claras — 4.

Coze-se o peixe, tiram-se as peles e as espinhas, e desfaz-se.

Põe-se num tacho um pouco de óleo, junta-se a farinha, mexendo sempre para não embolar, e o leite quente, até fazer um creme grosso.

Junta-se o peixe, mexe-se tudo, tira-se do lume e adicionam-se as gemas, mexendo bem.

Batem-se as claras em castelo bem firme e juntam-se, misturando tudo muito bem.

Val ao forno bem quente, em forma un-

tada com margarina e polvilhada com farinha.

Que tal? é um prato sem grandes pretensões, mas de fácil confecção e agradável paladar. Oxalá lhes agrade.

E vamos agora à sobremesa:

PUDIM DE LEITE

Ovos inteiros — 5.
Açúcar — uma chávena almoçadeira.
Leite — uma chávena almoçadeira.

Retalhos de Poesia

Quadras da Primavera

Todos os anos se enflora
De rosas a natureza:
É a Primavera a brindar
Numa taça de beleza...

Vem uma réstea de sol
Brincar na minha janela:
É a Primavera a beijar-me,
Numa carícia singela.

Na estrada erna da vida
Sem carinhos e amores.
Não houve uma Primavera,
Que a juncasse de flores.

As singelas flores do campo
Que vêm matizar a terra
São o símbolo verdadeiro
Da perfeita Primavera.

O calor da Primavera
É igual ao da amizade:
A primeira aquece a terra;
A outra, a humanidade.

A briza da Primavera
Que vem beijar o meu rosto
Com amor seca-lhe o pranto,
Vertido por um desgosto.

Não cabe numa só quadra,
O esplendor da Primavera,
Toda a côr do universo
E a magia que ela encerra.

O que tivera caridade
Quando alguém lhe pede pão.
Terá sempre caridade.
Dentro do meu coração.

Lembro as minhas Primaveras.
Chelas de flores e ansiedades.
Agora quando ela chega...
Traz-me somente saudades...

LUCÍLIA AMORIM

O caso do HOTEL OFIR

Ao que sabemos, algumas personalidades concelhias receberam uma carta esclarecimento da Administração da Sopete onde se explica ou pretende explicar o porquê do pretenso despedimento de 33 trabalhadores do Hotel Ofir. A verdade fica oculta, como é óbvio.

Entretanto na própria Sopete nem tudo é um mar de rosas, pois um dos seus Administradores, o dr. Joaquim Casanova, que já teve em Fão uma farmácia, veio cá para fora com um esclarecimento onde entre outras coisas se lê:

«Incompreensões, prepotências, abusos, vaidades, desprezo pelos accionistas e pelos próprios trabalhadores são factos do dia a dia que se verificam na nossa Empresa».

Os outros Administradores são o dr. Luís Rainha e o dr. Arriscado Amorim. Como o dr. Rainha tem uma idade muito próxima dos oitenta, as conclusões são fáceis de extrair.

Os trabalhadores de Ofir continuam com manifestações (desta vez um dístico) junto ao hotel. Continuamos a dizer que é um erro para o bom nome do hotel como estância que tem de atrair hóspedes.

Mexem-se bem os ovos, junta-se o açúcar e o leite.

Bate-se tudo e deita-se numa forma untada com açúcar queimado, a qual se tapa.

Mete-se a forma numa panela meia de água, tapa-se, e coze em «banho-maria» durante cerca de 25 minutos.

(Para ver se está cozido, experimenta-se com um palito).

E pronto! O senhor colesterol já tem com que se entreter e nós despedimo-nos até ao próximo mês, se Deus quiser.

Tia Marquinhas

O novo fangueiro sabia que...?

(Continuado da pág. 7)

Para mais, as torres que se compararam com os bétiles fazem supor que a população do Zimbabwe era de raça branca e semita: os Lemba, que habitam actualmente a África do Sul parecem descendentes dos Fenícios do tempo de Hiram e da construção do Templo de Jerusalém.

Essas torres cónicas de vértice arredondado evocam imagens fálicas, tão nitidamente, pelo menos, como as pedras erectas que abundam no mundo e como os obeliscos egípcios.

Os misteriosos construtores da cidade das elipses, dos cones e das espirais não são forçosamente Fenícios, mas devem estar relacionados com esse grande povo de grandes navegadores.

Encontrámos a mesma forma elíptica no Templo de Marib, no Iémen. Ora, Marib foi reconhecida como a antiga capital da rainha do Sabá.

E da rainha do Sabá a Salomão... lá diz a lenda!

Eis uma tese, porém, mais audaciosa: semelhantes torres ovais existem em Machu-Picchu, no Peru. Os índios de hoje ainda lhes chamam «câmaras dos Homens-Voadores». Ora, em Zimbabwe, junto das ruínas, foram encontradas estátuas de homens, com asas nas costas, formando uma carapaça. Têm uma grande semelhança com os querubins alados do templo de Salomão.

Coordenação de HUGODI

NOTA:

Esta folha pertence ao n.º 11, do passado mês de Março, e nele deve ser incorporada.

ÓPTICA *Oliveira*
ALEIXO FERREIRA, L.D.A.
création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL
AZAL
RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777